

PRINCÍPIOS PARA UM MUNDO SUSTENTÁVEL: A EDUCAÇÃO FUNDAMENTADA EM VALORES

Paulo Sérgio Barros
Lilia Cristian Barreira

A espiritualidade, nos tempos atuais, tem sido um tema recorrente no âmbito educacional, percebido através de uma tendência de humanização dos currículos. Esse aspecto é constatado tanto por iniciativas oficiais (ainda tímidas) da macroestrutura educacional, como por práticas de organizações e programas¹ que têm penetrado nos currículos, contribuindo para uma educação de fato holística, no bojo da qual a ética possa ser sempre a força motriz.

Moacir Gadotti afirma, na introdução do livro *Ecopedagogia e cidadania planetária* (GUTIÉRREZ & PRADO, 2008, p.23) que a competência do educador tem uma dimensão ética. A ética, conforme ele, não é mais uma coisa, um conteúdo, uma disciplina, um conhecimento que se deve acrescentar à prática educativa. É a sua própria essência.

Visto dessa perspectiva, a reflexão e a vivência de valores humanos na seara educacional é uma necessidade, tanto na forma de disciplinas específicas, como associados ao currículo das disciplinas tradicionais; nas práticas de gestão escolar e de sala de aula; na vida pessoal dos educadores, bem como deve estar no cerne da formação destes.

Neste artigo objetivamos, portanto, mostrar a reflexão e a vivência de valores humanos na Escola Estadual de Ensino

¹ Como iniciativas efetivas não-oficiais citamos, à guisa de exemplo, o Programa Internacional Vivendo Valores na Educação-VIVE, o Programa de Educação em Valores Humanos — PEVH e Cinco Minutos.

Profissionalizante Maria José Medeiros, em Fortaleza, notadamente na disciplina Técnicas, Práticas e Vivências — TPV, com três turmas de primeiro ano do Ensino Médio (Administração, Enfermagem e Informática), por dois educadores (autores deste artigo), durante o ano letivo de 2011. O foco da experiência pedagógica centrou-se na necessidade que os estudantes tinham de desenvolver habilidades pessoais e sociais no âmbito escolar que facilitassem o convívio harmonioso e respeitoso consigo mesmos, com os outros e com o ambiente, visto que passavam uma jornada longa de estudo e adaptação a uma nova realidade de aprendizagem proposta pela escola profissionalizante.

Ademais, é preciso entendermos que faz parte da educação a vivência e a reflexão sobre valores para que os mesmos sejam incutidos na vida pessoal e social dos estudantes e docentes. Não somente relacionados aos papéis desempenhados no âmbito escolar, mas como cidadãos planetários, sincronizados com uma percepção da Terra e da humanidade como uma “cidadania integral”, comprometida com valores éticos e espirituais que permeiem as esferas social, política, cultural, econômica.

A perspectiva teórico-metodológica da experiência pedagógica relatada neste texto centrou-se na aplicação do Programa Vivendo Valores na Educação VIVE², sobre o qual falaremos em um tópico a parte.

² O VIVE foi desenvolvido em consultoria com o Clausto de Educação do UNICEF, em Nova York e da Organização Brahma Kumaris. Foi criado em agosto de 1996, quando vinte educadores representando os cinco continentes se reuniram na sede do UNICEF para refletir sobre as necessidades das crianças em todo o mundo, as suas experiências de trabalho com valores, e como os educadores podiam integrar valores para melhor preparar os estudantes para a aprendizagem ao longo da vida. Esses educadores usaram os conceitos de valores e processos reflexivos contidos no livro: *Vivendo Valores: um manual*, produzido pela Brahma Kumaris, como uma fonte de inspiração, e da *Convenção sobre os Direitos da Criança*, como estrutura. O Programa é coordenado pela *Association for Living Values International — ALIVE*, apoiado pela UNESCO e por uma variedade de organizações, instituições e indivíduos em mais de 60 países. Visite: www.livingvalues.net.

“Espiritualidade É Aquilo Que Produz no Ser Humano Uma Mudança Interior”

A frase de Dalai Lama que dá título a esse tópico, resume, de forma simples e ao mesmo tempo profunda, a acepção do termo e da experiência dela mesma na vida de um ser humano. A educação, seja ela formal ou informal, trata também dessa mudança interior que vai se configurando com a maturidade, mas também com as experiências que devem ser desenvolvidas nos espaços de interação social do ser para que lhe permita florescer seus valores e assim possa relacionar-se melhor consigo mesmo, com os demais e com o mundo em uma perspectiva ampla.

Para Rafael Yus, a espiritualidade é algo que conecta toda a vida, respeitando a diversidade na unidade e está relacionada à experiência de ser, de pertencer e de cuidar.

É sensibilidade e compaixão, devoção e esperança. É o sentido de encontro e reverência pelos mistérios do universo e um sentimento do sentido da vida. É um movimento em direção às mais altas aspirações do espírito humano.

Trazer a espiritualidade para a sala de aula significa incentivar os estudantes a inundar seu mundo com um sentido de encanto pela análise, pelo diálogo, pela criatividade (YUS, 2002, p.15-19).

Tillman e Colomina (2004, p.70-72) afirmam que

é o espiritual que nos une em uma família global; é o espiritual que nos aproxima por trás dos véus das diferenças religiosas; é ele que vai nos permitir recapturar a compreensão do valor de toda pessoa, de toda cultura e toda religião.

As citadas autoras compreendem que a espiritualidade é o “mundo pessoal e interior de pensamentos e sentimentos.” No âmbito educacional, o objetivo de ensinar a espiritualidade “é ajudar os alunos a tomar consciência de sua natureza espiritual: suas qualidades naturais e inatas, por meio das quais eles podem levar uma vida mais plena e mais feliz.”

Conforme assinala Boff (2006, p.09-15) a espiritualidade é uma das formas primordiais de inspiração do novo e de esperança do ser humano. Ela está relacionada com as qualidades do espírito humano, tais como o amor, a compaixão, a tolerância, a paciência, o perdão, a responsabilidade e a harmonia que trazem felicidade tanto para a própria pessoa como para os outros. A espiritualidade, acrescenta Boff,

vive da gratuidade e da disponibilidade, vive da compaixão, vive da capacidade de enternecimento e compaixão, vive da honradez em face da realidade e da escuta da mensagem que vem permanentemente desta realidade.

“Por Educadores, para Educadores”

O VIVE, como já o dissemos, serviu de suporte para a experiência de educação em valores na instituição citada. Desenvolvido por educadores para educadores, o Programa é uma forma de conceber a educação como promotora do desenvolvimento de comunidades de aprendizagem baseadas em valores e coloca a busca por significado e propósito no coração da educação. O VIVE enfatiza o valor e a integridade de cada pessoa envolvida na promoção da educação, seja no lar, na escola ou na comunidade. Ele apoia o desenvolvimento global do indivíduo e de uma cultura de valores positivos em cada sociedade e em todo o mundo, acreditando que a educação é uma atividade proposital, projetada para ajudar a humanidade a prosperar.

Diane Tillman (2012, p.3-4) menciona uma série de princípios fundamentais do Programa. O primeiro deles é a ideia de que, em um ambiente de ensino e aprendizagem, quando os valores positivos e a busca de significado e propósito são colocados no centro de ensino e aprendizagem, a própria educação é valorizada.

A autora acrescenta que a aprendizagem é especialmente reforçada quando ocorre dentro de uma comunidade de aprendizagem baseada em valores, em que os valores são transmitidos através de um ensino de qualidade e os alunos discernem as consequências, para si, para os outros e para o mundo, de ações que são e que não são baseadas em valores.

Para tornar um ambiente de aprendizagem baseado em valores possível, Tillman chama a atenção para o fato de que os educadores não apenas exigem uma formação adequada de professores e um contínuo desenvolvimento profissional, eles também têm a necessidade de ser valorizados e cuidados no âmbito da comunidade de aprendizagem.

Outro aspecto ressaltado é que a educação de valores não é apenas um assunto sobre o currículo. Primeiramente, é pedagogia; uma filosofia educacional e prática que inspira e desenvolve valores positivos na sala de aula. O ensino baseado em valores e o uso de reflexões conduzidas em sala de aula apoiam a aprendizagem como um processo de construção de significado, contribuindo para o desenvolvimento do pensamento crítico, a imaginação, a compreensão, o autoconhecimento, habilidades intrapessoais e interpessoais e consideração pelos outros.

Especificamente sobre a vida pessoal do professor, Tillman afirma que “educadores com valores efetivos são conscientes de seus próprios pensamentos, sentimentos, atitudes e comporta-

mentos e sensíveis ao impacto que estes têm sobre os outros”. Um primeiro passo na educação baseada em valores, acrescenta,

é para os professores desenvolverem uma percepção clara e precisa de suas próprias atitudes, comportamentos e inteligência emocional como um impulso para viver seus próprios valores. Eles podem, então, se ajudar e incentivar outros a desenvolver melhor suas próprias qualidades pessoais, culturais e sociais. (TILLMAN, 2012, p.4).

Para Tillman, ao conceituar educação, o VIVE leva em consideração

uma visão das pessoas como seres pensantes e sentimentais e valoriza os seres humanos integralmente, vendo-os como culturalmente diversos e ainda assim pertencentes a uma família mundial. A educação deve, portanto, preocupar-se com o intelectual, o emocional, o espiritual e o bem-estar físico do indivíduo. (TILLMAN, 2012, p.4).

Um último aspecto que consideramos sobre as reflexões de Tillman a propósito dos princípios do VIVE é que o discurso da educação, de pensar, de sentir e de valorizar, “é tanto analítico quanto poético”. O estabelecimento de um diálogo sobre os valores, dentro do contexto de uma comunidade de aprendizagem baseada em valores, facilita a troca interpessoal e a intercultural sobre a importância e os meios de transmissão de valores na educação.

Em termos metodológicos, as atividades do VIVE são efetivas e ricas pois usam diferentes estímulos, técnicas e linguagens que contribuem para o desenvolvimento de uma gama de habilidades pessoais, emocionais e sociais dos estudantes. Seu modelo teórico propõe a criação de uma atmosfera de valores. Ele parte do reconhecimento de que os estudantes necessitam de habilidades que considerem seu de-

envolvimento cognitivo, emocional e espiritual para serem capazes de apreciar e comprometerem-se com os valores e desenvolverem habilidades sociais, discernimento cognitivo e entendimento para levarem esses valores consigo em suas vidas (TILLMAN, 2002, p.01).

Essa atmosfera ajuda aos estudantes a pensar e a refletir sobre valores e suas implicações práticas em relação a si, aos outros e ao mundo; aprofunda o entendimento, a motivação e a responsabilidade para fazer escolhas pessoais e sociais positivas; inspira-os a escolher seus próprios valores pessoais, sociais e espirituais e a estarem cientes de métodos práticos para desenvolvê-los e aprofundá-los; e encoraja educadores a ver a educação como provedora de uma filosofia de vida, que facilita seu crescimento geral, desenvolvimento e escolhas, de modo que se integrem na comunidade com respeito, segurança e propósito (TILLMAN & COLOMINA, 2003, p.211). Para as autoras (2003, p.80) um ambiente permeado por valores

é afetivo e positivo para desenvolvimento e aprendizagem. Os estudantes sentem-se amados, respeitados, ouvidos, valorizados e seguros e desenvolvem habilidades pessoais, sociais e emocionais.

“Busque a Experiência Mais Que o Conhecimento”

As conclusões apresentadas aqui são a partir das vivências, das produções e dos relatos de experiências dos estudantes, das observações dos professores, bem como da análise de um formulário de avaliação das atividades desenvolvidas durante o ano de 2011, aplicado aos estudantes.

A frase de Miriam Subirana que dá título a parte conclusiva deste artigo traduz o que objetivávamos sobre as ativida-

des com valores: a experiência. Nessa perspectiva, podemos concluir que as atividades com valores inspiram os estudantes à compreensão e à vivência dos mesmos através do autocohecimento e da experiência da dimensão subjetiva.

As aulas de TPV fundamentavam-se nas temáticas propostas para a disciplina: valores humanos, ética, espiritualidade, diversidade cultural, sustentabilidade, educação ambiental, juventude etc. Esses assuntos foram trabalhados em uma perspectiva dialógica com as atividades VIVE.

A metodologia do VIVE caracteriza-se pela abertura, pela subjetividade, pelo dinamismo, pela interatividade, pela criatividade e põe o estudante como protagonista do processo. Insere-se, portanto, na percepção de Subirana (2012, p.67) quando afirma que “aprender é muito mais que compreender e conceituar: é querer, compartilhar, dar sentido, interpretar, expressar e viver.”

A forma como pensávamos as aulas levava em consideração o espaço³, as diferentes linguagens e as atividades adequadas ao momento emocional e relacional do grupo e entre as turmas e os professores.

Privilegiamos atividades sobre os valores Paz, Respeito, Amor, Honestidade, Cooperação, Tolerância e Simplicidade. Algumas atividades foram criadas a partir da reflexão entre valores, diversidade cultural e sustentabilidade. Parte delas foi publicada em um material didático internacional do VIVE.⁴

³ A maior parte das aulas aconteciam na Eco-classe, um dos espaços arborizados da Escola. Também usávamos o pequeno jardim e o pátio. Quando eram nas salas de aula, procurávamos organizar o espaço de forma que estivesse limpo e que proporcionasse maior interação.

⁴ Living Green Values. Trata-se do material didático mais recente do VIVE, escrito por Diane Tillman (2012), com cooperação de educadores dos Estados Unidos, Brasil, Romênia e China. Foi lançado durante a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável- Rio+20. Disponível gratuitamente em: <http://www.livingvalues.net/green.html>.

Valeressaltar que, concomitantemente às aulas de valores, demos primazia às técnicas introspectivas (relaxamento, visualização e meditação), oficinas de arte (pintura, grafite, origame, mapa mental, poesia e teatro), produção textual (manifestos, poemas), projetos de consumo sustentável de papel, energia, água e alimento na escola e exposições (painéis, desfiles).

Para cada aula usávamos uma técnica introspectiva sugerida pelas atividades VIVE ou criada pelos professores, conduzida por eles mesmos ou por um dos estudantes que se sentiam à vontade para conduzi-la. Esse momento reflexivo sempre estava relacionado ao valor em foco ou à intuição, aos sentimentos, à emotividade da turma.

Outro ponto relevante foi, sobretudo em duas das referidas turmas, a ênfase dada à resolução de conflitos entre os estudantes. O processo se deu na presença de todos. A princípio, começou com duas atividades sobre a Paz, as quais davam primazia a esse aspecto, propondo um diálogo mediado. Posteriormente sugeríamos que os estudantes dramatizassem situações rotineiras de conflitos na escola, nas quais eles próprios eram os protagonistas. Um dos estudantes mediava sempre a situação. O resultado foi bastante positivo, pois as situações criadas eram similares as que ocorriam na sala de aula. Quando os professores perguntavam se alguém estava passando por um conflito real e se gostaria que fosse resolvido seguindo a metodologia que eles haviam representado, alguns se manifestavam e um dos professores passava a ser o mediador.

Ao final do ano letivo, observamos uma considerável diminuição dos conflitos, bem como a resolução pacífica dos mesmos. Em alguns momentos, a mesma técnica foi usada para conflitos de estudantes de outras turmas, com um dos professores sendo o mediador. Mesmo quando um estudan-

te de uma das três turmas manifestou durante a aula que estava em conflito com um dos professores que ministravam a disciplina, este prontamente sugeriu que o estudante viesse com ele para mediar o conflito com o outro professor. O que foi feito na presença de todos os outros estudantes. Foi uma experiência nova, causou surpresa e expectativa. O professor precisou de muita humildade e o estudante de autorrespeito.

Infelizmente, essa prática não existia para toda a escola. Para a resolução de conflitos, aprender a conviver pacificamente, necessita-se de um planejamento, tanto para o espaço da sala de aula quanto da instituição escolar como um todo, levando-se em conta os três principais protagonistas da comunidade educacional — professorado, alunos e mães/pais (JARES, 2007, p.177).

Percebemos que as atividades com valores proporcionou o aumento da concentração; mais criatividade no processo produtivo e no domínio dos conceitos e categorias trabalhados em sala; o desenvolvimento da autoestima, entendimento cognitivo e afetivo dos valores humanos; desenvolvimento de habilidades de comunicação interpessoal; o entendimento da importância da prática dos valores em termos pessoais, sociais e globais e o maior interesse pelos estudantes por temáticas como direitos humanos, cultura de paz, meio ambiente, diversidade cultural, espiritualidade.

As discussões, produções e exercícios introspectivos eram estímulos essenciais para o reconhecimento de suas virtudes, assim como identificá-las e praticá-las em suas vidas. Observamos que todas estas práticas levavam, conseqüentemente, à criação de um ambiente propício para relacionamentos respeitosos, cooperativos e solidários, além de desenvolver a capacidade cognitiva, a consciência de cidadania global

e de habilidades para lidar com os sentimentos como medo, vergonha e insegurança.

A associação dessas atividades com valores aos conteúdos curriculares e às experiências socioculturais, ou seja, o reconhecimento daquilo que é valorizado pelos estudantes em suas comunidades e escola, foi uma forma de valorizar o que davam importância e de inspirá-los a fazer escolhas pessoais e sociais positivas.

No ano letivo de 2012 a proposta oficial para a disciplina de TPV passou por mudanças. Lamentamos o fato de uma experiência exitosa não ter tido continuidade. Faltou o conhecimento da experiência pedagógica e um diálogo da escola\professores\estudantes com a instância superior. A proposta atual da disciplina assumiu uma perspectiva mais técnica, valorizando o empreendedorismo. Isso causou um sentimento de frustração aos educadores envolvidos no processo. Não que a proposta atual seja sem sentido. Contudo, o educador que conduz a disciplina atualmente não tem o mesmo nível de entusiasmo e contentamento. Houve a interrupção de uma experiência que foi unanimemente avaliada como positiva pelos estudantes e professores que a vivenciaram.

Os alunos que passaram pela experiência, agora no segundo ano, sempre pedem a continuidade das aulas de valores, o que infelizmente não é possível, pois não há uma disciplina no currículo que abra espaço específico para isso. Há, de fato, uma preocupação com a formação humana dos estudantes na instituição e os professores o fazem na medida do possível. Contudo, cremos que uma proposta constante, cotidiana e consistente de educação em valores é necessária e que deveria envolver todos os estudantes e professores. Para tanto, necessita-se de um planejamento para que práticas como

a que descrevemos neste texto estejam presentes na sala de aula, mas também em toda a escola, considerando-se todos os sujeitos que a constituem: educadores, estudantes e pais.

Todavia, percebemos que há alguns estorvos para que isso aconteça. A própria proposta macroinstitucional para a educação que embora tenha caminhado nesse sentido, como afirmamos na introdução do texto, não desenvolve um programa constante para educadores e estudantes (formações, propostas curriculares etc.). Quando há, parte da própria escola ou de parte de educadores da instituição, ou acontece eventualmente no âmbito de circunstâncias e campanhas. Também convém ressaltar que a formação dos educadores ainda está centrada em uma visão de conhecimento compartilhado, em uma visão que não percebe o indivíduo integralmente. Assim, enquanto algumas disciplinas contemplam a dimensão emocional, espiritual e psíquica do indivíduo, outras parecem ignorar esse aspecto.

Na escola, precisamos incentivar as habilidades intelectuais, as racionais, para entender, falar e analisar, por exemplo, valores como a tolerância, a cooperação, o respeito, a paz, o amor, a solidariedade etc. Avaliamos que esse processo é relativamente bem feito. Porém, é preciso transcender a perspectiva racional, analítica e chegar a experiência, ou seja, sentir esses valores, personificá-los. Quando a metodologia do VIVE foi escolhida para a experiência com formação humana dos estudantes, foi porque ela provou ser efetiva, cativante e prática para os educadores e estudantes.

As experiências anteriores, desenvolvidas na mesma escola, atestam isso pelos mesmos educadores que conduziram a disciplina, bem como por outros professores, em outros momentos, como registraram Barros (2009; 2011) e Queiroz

(2009). Outro exemplo que elucida a efetividade da experiência é a constante demanda dos estudantes para reviverem as aulas de valores no ano que se segue (no segundo ano do Ensino Médio), e em cuja grade curricular não consta a disciplina.

A criação de uma atmosfera de aprendizagem baseada em valores é uma parte integrante da educação holística e é essencial para criarmos e estruturarmos princípios para um mundo sustentável. É nessa perspectiva que o indivíduo aprenderá a ser, a conviver, a compreender, a tornar-se um cidadão comprometido com as mudanças que precisamos implementar em escala planetária. Os relatos e as conclusões supracitadas atestam algumas possibilidades dela ser tecida no cotidiano escolar.

Referências

BARROS, Paulo Sérgio. Atmosfera de valores: o princípio do programa Vivendo Valores na Educação. In: MATOS, Kelma S. A. Lopes de; NONATO JR, R. (Org.). *Cultura de paz, ética e espiritualidade*. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

_____. *Educação e espiritualidade: o uso de técnicas introspectivas em sala de aula*. In: MATOS, Kelma S. A. Lopes de. *Cultura de paz, ética e espiritualidade II*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

_____. Educação, cidadania e espiritualidade: uma experiência no cotidiano da sala de aula. In: BARROS, Paulo Sérgio; NONATO JÚNIOR, R. (Orgs.). *Educação e valores humanos no Brasil: trajetórias, caminhos e registros do Programa Vivendo Valores na Educação*. São Paulo: Editora Brahma Kumaris, 2009.

BOFF, Leonardo. *Espiritualidade: um caminho de transformação*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

GUTIÉRREZ, Francisco; PRADO, Cruz. *Ecopedagogia e cidadania planetária*. São Paulo: Contexto, 2008.

JARES, Xésus R. *Educar para a paz em tempos difíceis*. São Paulo: Palas Athenas, 2007.

PEREIRA, Osivânia Maria. Q. Vivenciando valores na sala de aula: uma experiência na escola Maria José Medeiros em Fortaleza. In: BARROS, Paulo Sérgio; NONATO JÚNIOR, R. (Orgs.). *Educação e valores humanos no Brasil: trajetórias, caminhos e registros do Programa Vivendo Valores na Educação*. São Paulo: Editora Brahma Kumaris, 2009.

SUBIRANA, Miriam. *Criatividade para reinventar sua vida: mudança, intuição e alquimia espiritual*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012.

TILLMAN, Diane; COLOMINA, Pilar. Q. *LVEP Educator Training Guide*. New Delhi: Sterling Publishers, 2003.

TILLMAN, Diane. *Living Green Values: activities for children and young adults*. Association for Living Values Educational International – ALIVE, 2012.

_____. *Atividades com valores para jovens*. São Paulo: Confluência, 2004.

_____. *Theoretical background and support for Living Values: an educational program*. 2002. Disponível em: <<http://www.livingvalues.net/pdf/lvTheoreticalBackgroundandSupport.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2012.

YUS, Rafael. *Educação integral: uma educação holística para o século XXI*. Porto Alegre: Artmed, 2002.